

Reflexões acerca da pesquisa de campo com o ambiente e a paisagem¹

Matheus Reis²
PUC-Campinas, Campinas, SP

RESUMO

Esse ensaio apresenta uma reflexão conceitual e poética sobre a pesquisa de campo relacionada a paisagens, ambientes e biomas brasileiros. Levando em consideração os efeitos da mudança climática que se apresentam com mais evidência a cada dia, questiona-se sobre a irreversibilidade de suas transformações enfatizando a singularidade de cada visita aos biomas, bem como, de cada relato resultante. Para isso, são utilizados conceitos da fenomenologia visual de James Gibson enquanto perspectiva geral para uma descrição abrangente derivada de uma viagem realizada para o Parque Nacional utilizados da Serra da Canastra (MG), de modo a diferenciar processos síncronos e assíncronos de construção documental.

PALAVRAS-CHAVE: arte contemporânea, paisagem, ambiente, metodologia, comunicação

Sempre temos um rumo, mas não um destino. A chegada é sempre um novo rumo, uma expansão incessante. Cada encontro com uma paisagem e seu ambiente é um deslocamento que força a troca de horizonte. O destino é imprevisível, não há um simples jogo de causa e reação, ao menos, não quantificável. Esse ensaio tem como origem a pesquisa de campo ao Parque Nacional da Serra da Canastra (MG), com o objetivo de desenvolver um relato fenomenológico e empírico da experiência, bem como, levantar documentação (fotografias, geoprocessamento, escritos, dentre outros) a fim de serem compreendidos como elementos para criação artística. Quando tratamos de realizar uma viagem de campo a um bioma nacional, podemos estar certos de que ele está em transformação. Isso sempre ocorreu, mas ao longo de milhares de anos, agora, com as mudanças climáticas esse processo é acelerado e muitas vezes, trágico. Nesse caso, durante a pesquisa de campo ocorre uma queimada no parque, qual continua a queimar por meses na sequência dela, ou seja, tudo que pode ser relatado e que foi documentado

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho (GT08SE – Comunicação e educação na emergência climática), evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Professor de Artes Visuais e Design da PUC-Campinas / Doutorando em Artes da UNESP-SP, email: matheus.reis@puc-campinas.edu.br

agora constitui passado, após a queimada, essa mesma circunstância, nunca mais será a mesma.

Os viajantes trabalham com a coleta, de sensações, materialidade, rascunhos, esboços e diagramas. Esse é um processo de deslocamento rápido. É diferente estar em movimento em relação ao ambiente e a paisagem de estar em repouso, onde o ambiente e a paisagem são quem parecem se mover. Quando estamos andando rápido em uma trilha o panorama de vegetação parece uma grande massa verde homogênea e o caminho uma sequência constante de curvas pela terra. Contemplamos por um tempo para logo seguir adiante, coleta cada breve movimento porque no futuro, pode ser base para a criação (Salles, 1998). Esse material coletado será trabalhado *a posteriori*, pois tais condições configuram um *processo assíncrono*, com o qual, é possível uma aproximação com os relatos de exploradores naturalistas do séc. XIX no Brasil. Esse período específico foi de grande importância para o que se possui hoje enquanto arquivo do que foram os biomas brasileiros (Akiyama, 2018). Para além de seus méritos para a historiografia, as expedições científicas, ou, expedições filosóficas, narraram de modo interdisciplinar suas experiências com os biomas brasileiros a partir de seu próprio ponto de vista e sempre contavam com artistas para criar imagens, os quais por vezes, também desenvolviam um relato escrito dessas experiências. Tais artistas ficaram conhecidos pela alcunha de artistas viajantes, pois, além de virem de várias partes do globo com a abertura dos portos brasileiros no século XIX, acabaram por desenvolver uma obra muito singular, que, embora fosse influenciada pelos movimentos artísticos da época, distanciaram-se e/ou adaptaram-se a experiências estéticas completamente novas quais encontraram no continente americano, tal como ocorre com Hércules Florence (1977), Johann Moritz Rugendas e Jean Baptiste Debret.

Essa experiência difere-se de ficar em apenas um lugar por horas, perceber as relações que acontecem ali e instaurar um processo de criação junto a elas. Os artistas impressionistas não estavam interessados especificamente nisso, mas tinham tal prática como modo de enfatizar em seus trabalhos aspectos atmosféricos da cor e da passagem do tempo (Da Cunha, 2018), tal como feito por Claude Monet diversas vezes. Isso configura um outro tipo de produção enquanto *processo síncrono*, ou seja, que se dá

conforme os fenômenos manifestam-se empiricamente ao corpo de quem está diante deles.

A princípio pode parecer que esses processos são diferentes pela quantidade de deslocamento no espaço em relação ao tempo. Mas o corpo não é cronológico e nem mede passos em metros. As escalas não são para os sentidos quantidades ou divisões (Gibson, 2014). Olhamos uma formiga carregar uma folha, nos afastamos um pouco e já não vemos mais ela, vemos outras coisas. Quanto mais nos afastamos, mais nossos sentidos percebem outras coisas, são universos aninhados dentro de universos. Esses universos se sobressaem as vezes. O cerrado tem tons de amarelo e verde vibrantes. Às vezes, uma pequena flor de outra cor surge como uma explosão visual na paisagem atraindo a atenção para seu pequeno universo. Estamos sempre passando por meios que resistem ao corpo, o corpo desloca o ar sem muita resistência, o corpo desloca a água com muita resistência (Gibson, 2014).

Dividindo as substâncias sólidas, líquidas e gasosas temos superfícies, como pedras e minerais que variam não apenas de classificação; mesmo sendo de uma mesma substância, em cada lugar da paisagem se configuram diferente, possuem um layout, centenas de milhares de layouts possíveis (Gibson, 2014). Cada layout provém possibilidades, em algumas rochas é possível subir, outras não. Algumas podem cobrir a cabeça do sol e do relento da noite. Quem sabe. Cada momento o ambiente está me oferecendo alguma coisa. As vezes oferece contemplação para os olhos, as vezes oferece água para matar a sede. Parte do sujeito persiste sendo quem é, mas no atrito com cada lugar deforma e se desintegra na mudança. Isso também acontece com as superfícies do ambiente, as vezes mais rápido, as vezes mais lento. As vezes dá para ver. Tudo é variante e invariante ao mesmo tempo (Gibson, 2014). Não existe dentro do pesquisador ou mesmo, isenção metodológica, quando tudo está acontecendo nas trocas. Cada pedra, rio, corrente ou pequeno animal é um órgão do lado de fora da pele (Beuys,1983).

O fogo pode ser amigo ou inimigo. O horror assombrar transformando radicalmente as substâncias que fundam tudo que há. Toda grande teia ecológica está queimando em ondas de calor que oscilam com o aquecimento global e com as queimadas criminosas.

Os urubus-rei circundam no céu uma carcaça. Na minha frente, cruza um grande animal na mesma direção. Eu me assusto e ele se assusta, cada um corre para um lado. Ninguém pensou em nada. Só restou a sensação de susto se desintegrando enquanto segue-se pelo caminho. A permanência é que dá chão e sustenta a mudança. Percebe-se que na dobra entre pesquisador e o ambiente começa se formar algo (Deleuze; Guattari, 1997), o estado de atenção é desperto porque o processo *síncrono* é como um susto, mas a possibilidade de apreensão *assíncrona* do que se forma (Gibson, 2014), permanece um mistério.

REFERÊNCIAS

AKIYAMA, Eduardo Teixeira. Natureza descoberta: do que se viu, ouviu e se contou da fauna e flora brasileira no século XVI. **Tese de Doutorado**. Campinas: UNICAMP, 2018.

BEUYS, Joseph. **Interview “How to explain art to a dead hare”**. Channel ORF 3, Austria: 1983. Vídeo, color.

DA CUNHA, Thiago Oliveira. Impressionismo: Afeto e Cor. **Perspectiva Sociológica: A Revista de Professores de Sociologia**, n. 22, p. 107-113, 2018

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs-capitalismo e esquizofrenia- Vol. IV Trad. Suely Rolnik**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

FLORENCE, Hercules. **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas pelas Províncias Brasileiras de São Paulo, Mato Grosso e Grão-Pará (1825-1829)**. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 1977.

GIBSON, James J. **The ecological approach to visual perception: classic edition**. Psychology press, 2014.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**. São Paulo: Annablume, 1998.